

Senhor Rama, a encarnação do Dharma

por Alka Jain

Rama é um dos nomes sânscritos de Deus que frequentemente encontramos nos *namasankirtanas* cantados no caminho de Siddha Yoga. Em celebrações e *satsangs*, o nome do Senhor Rama é usado para invocar a graça divina, conceder proteção e abrir nossos corações para a experiência do amor que é intrínseco ao Senhor. Rama é um nome para Deus e também para a divindade interior que é o nosso próprio Ser.

Tendo crescido em Delhi, na Índia, minha primeira lembrança de infância do Senhor Rama era ouvir seu nome em todos os lugares que eu ia e em quase todas as conversas. As pessoas usavam o nome do Senhor Rama como uma saudação, como um rápido cumprimento entre transeuntes, em momentos de júbilo e felicidade, e também em momentos de tristeza e desespero. Alguns diriam em hindi *Jai Shri Ram* (Salve Shri Ram!) ou *Jai Siya Ram* (Salve Sita e Ram!). Outros diziam simplesmente: *Ram Ram*. Meu favorito era *Jai Ram ji ki* (Vitória a Ram!). O nome do Senhor Rama está intrincada e inextricavelmente entrelaçado no mosaico cultural da Índia, pois acredita-se que invocar continuamente o Senhor Rama afasta energias negativas e atrai auspiciosidade.

O Senhor Rama foi o sétimo avatar, ou encarnação, do **Senhor Vishnu**, o sustentador do universo. Portanto, o ser supremo se manifestava numa forma humana para proteger o bem, destruir o mal e restabelecer a ordem e a justiça no mundo. O Senhor Rama é reverenciado como *maryada purushottama*, “o defensor do dharma”, da vida correta.

O nome Rama deriva da raiz sânscrita *ram*, que significa “calma”, “pôr em repouso”, “deleitar”, e também “fazer feliz”. O Senhor Rama também é conhecido como Ramachandra (brilhante como a lua), Dasharatha-nandan

(o deleite do rei Dasharatha, pai de Rama) e Raghava (vindo da dinastia Raghu). O Senhor Rama é amado, respeitado e adorado pelas virtudes que incorporou: dharma, valor, cavalheirismo, lealdade, compaixão, amor, obediência, coragem e equilíbrio. Para muitos na Índia, o Senhor Rama personifica as características do ser humano ideal.

O grande poema épico sânscrito *Ramayana* (A jornada de Rama), escrito pelo sábio Valmiki, narra a vida do Senhor Rama. O *Ramayana* é um dos épicos mais longos e antigos da literatura mundial, consistindo em quase vinte e quatro mil versos que relatam eventos de Treta Yuga, a segunda era, de acordo com a contagem tradicional do tempo na Índia.

O *Ramayana* de Valmiki foi escrito em sânscrito, a língua escritural tradicional da Índia. No século XVI, o santo-poeta Goswami Tulsidas recontou a vida do Senhor Rama no dialeto Avadhi, um vernáculo local em Uttar Pradesh, na Índia, para tornar a história acessível aos leigos. A versão de Tulsidas é conhecida pelo nome *Ram Charit Manas* (O lago dos feitos do Senhor Rama).

Ao longo do *Ramayana*, lemos ilustrações da firmeza do Senhor Rama em manifestar as virtudes divinas e seu compromisso absoluto de defender o dharma em todas as suas ações.

Rama era o príncipe herdeiro de Ayodhya, mas foi exilado porque a rainha mais jovem do Rei Dashrath queria que seu próprio filho fosse coroado rei. Assim, Rama perambulou pelas florestas acompanhado por sua esposa, Sita, e seu irmão Lakshmana. Por quatorze anos, ele viveu uma vida simples, oferecendo proteção e alívio aos ascetas que estavam sendo assediados e perseguidos por demônios. A ação mais elevada de Rama foi derrotar o rei demônio Ravana, que havia sequestrado Sita e a levado para o reino de Lanka, uma ilha na costa meridional da Índia. Ravana, a personificação do mal, era o oposto do dharma. Nesta façanha, Rama foi auxiliado por Hanuman, o comandante de um exército de macacos.

Hanuman, que se tornou um grande devoto de Rama, era o epítome do serviço e da lealdade, sempre disposto a fazer qualquer coisa para lutar pela justiça ao lado de seu Senhor. Ao salvar sua esposa e completar seus anos de exílio, o Senhor Rama e seu grupo retornaram para Ayodhya, onde, em meio a grande júbilo, Rama foi coroado rei. É dito que *Ramrajya* (o reinado do Senhor Rama) durou onze mil anos, que é um símbolo para o reinado eterno da virtude.

O Senhor Rama é adorado e celebrado na Índia por meio de vários festivais com muita alegria.

Ram Navami, realizado no 9º dia da lua nova do mês indiano de Chaitra, equivalente ao mês de março ou abril no calendário gregoriano, honra o nascimento do Senhor Rama. Neste dia, os devotos visitam templos, leem ou recitam histórias de Shri Rama, e alguns jejuam antes de concluir o dia com grandes banquetes.

O Dassera — o décimo dia do mês indiano de Ashvin, logo após o festival de Navaratri, celebrado por volta de setembro e outubro — marca a vitória do Senhor Rama sobre Ravana, que simboliza a vitória do bem sobre o mal. Durante o Dassera, gigantescas efígies do Ravana de dez cabeças são preenchidas com bombinhas e erguidas por toda a Índia. Depois de escurecer, grandes multidões se reúnem para ver o espetáculo de um ator vestido de Rama atirando uma flecha em Ravana. A efígie pega fogo em meio ao barulho das bombinhas e da multidão aplaudindo. Os dias que antecedem o Dassera também são conhecidos pela Ramlila, encenações do *Ramayana* como um teatro dançado. Quando eu era criança, esperávamos ansiosamente por essa época do ano para podermos assistir às diversas produções da Ramlila. Ficávamos hipnotizados pelos atos heroicos e compassivos do Senhor Rama. Embora fôssemos jovens, a Ramlila nos ensinou a seguir ardentemente o caminho da retidão.

Deepavali, o “Festival das Luzes”, vinte dias depois do Dassera, no décimo quinto dia do mês indiano de Kartik, marca a entrada triunfal do Senhor Rama em Ayodhya. Ele chegou de noite, com seu caminho iluminado por fileiras de *diyas*, “lâmparas de ghee”. O Deepavali homenageia a vitória da luz sobre as trevas. Neste dia, as pessoas limpam suas casas, tomam um banho de óleo perfumado pela manhã e vestem roupas novas. Preparam todo tipo de comidas deliciosas, que são compartilhadas com amigos e vizinhos. Uma parte importante da celebração é acender e posicionar as *diyas* dentro e ao redor da casa. À noite, as pessoas se reúnem ao ar livre para se cumprimentar e acender bombinhas. Lembro-me da minha avó me dizendo que o barulho alto das bombinhas era para afastar maus espíritos. Ainda hoje, onde moro em Montreal, no Canadá, na época desses festivais muitos de meus amigos realizam um *akhand path*, que é uma recitação contínua do *Ram Charita Manas*. Durante esta recitação de 24 horas, meus amigos e eu nos revezamos, cada um recitando um trecho específico em determinado momento. Recitamos o texto inteiro entre nós, de forma contínua, ao longo de todo o dia e toda a noite.

No caminho de Siddha Yoga, cantamos o nome do Senhor Rama e também somos encorajados a cultivar as virtudes divinas que ele exemplificou. Ainda me lembro, durante minha primeira visita ao Shree Muktananda Ashram, em 1989, de ouvir o nome do Senhor *Shree Ram, Jay Ram, Jay Jay Ram* sendo cantado no refeitório do Annapurna. Naquele momento, ao ouvir o nome do Senhor Rama sendo cantado com tanta reverência, eu soube no fundo do coração que estava em casa — pois havia sido conduzida para um caminho que é sinônimo das virtudes do Senhor Rama.

Jai Shri Rama!

